

feminino, e simultaneamente chamando a atenção para alguns dos seus principais mentores e as redes que em torno deles se desenvolveram.

A compreensão destas redes e como se formam em ambiente de dissidência religiosa (heresia) foi o objetivo de Delphi Nieto (Univ. Barcelona) na sua intervenção “Disidencia espiritual y radicalismo: Las redes sociales como vehículo para la comprensión de la realidad religiosa a inicios del siglo XIV”, enquanto a comunicação de Vítor Teixeira (Escola das Artes - UCP; Centro de Estudos Franciscanos), intitulada “A instituição à procura da intuição: observâncias e reformas nos Frades Menores Portugueses até 1517”, permitiu referenciar a ação dos reformadores na família franciscana.

A diplomacia e os seus meios ao serviço da reforma religiosa protagonizada por portugueses que viveram no estrangeiro e de lá trouxeram modelos foi o objeto de análise de Mário Farelo (IEM-FCSH/NOVA; CEHR-UCP) com o texto “Diplomacia, humanismo e reforma: o abade D. Gomes e as tentativas de reforma religiosa em Portugal” e de Paulo Esmeraldo Lopes (IEM-CHAM-FCSH/NOVA) em “Entre Itália e Portugal. A índole reformista de Frei Estêvão de Aguiar”.

Na última sessão, João Luís Inglês Fontes (IEM-FCSH/NOVA; CEHR-UCP), no seu texto “Reformar e enquadrar: as políticas régias e pontificias face às comunidades da pobre vida em Portugal nos finais da Idade Média”, revelou o papel decisivo da realeza e do papado na institucionalização do movimento “da pobre vida” que nasce com um carácter autónomo e independente em relação a qualquer forma de vida reconhecida. Maria Filomena Andrade (U. Aberta; CEHR-UCP), na comunicação subordinada ao tema “Viver segundo uma regra: a(s) reforma(s) das clarissas portuguesas no final da Idade Média”, apresentou as reformas levadas a cabo no seio das clarissas portuguesas e as relações socio-religiosas que estão na sua origem.

A participação de todos, os comentários apresentados bem como os diálogos travados revelaram claramente a importância do tema e as suas implicações no futuro da Igreja.

II Jornadas de estudo “Contemplar: os sentidos e os caminhos da interioridade”

Caparica, Convento dos Capuchos, 23 a 25 de outubro de 2015

C Á T I A T U N A

As jornadas de estudo “Contemplar: os sentidos e os caminhos da interioridade” tiveram lugar nos chuvosos dias 23, 24 e 25 de outubro de 2015, no convento dos Capuchos da Caparica. Foram organizadas pelos professores João Luís Fontes e António Camões Gouveia. Quem com alguma atenção se abeirasse da apresentação deste evento científico ainda no momento da sua divulgação reconheceria nele pelo menos cinco atipicidades: o convento onde se realizaria era ao mesmo tempo o seu espaço e a sua temática; o programa

surgia como um percurso que contemplava diversas temporalidades (desde a medievalidade à contemporaneidade); tratava-se de um feliz e incomum trabalho conjunto entre uma instituição científica e outra autárquica; dois momentos musicais decorreriam com um natural entrelaçamento com a sequência do programa; finalmente, ocorreria uma visita de estudo ou uma conferência e debate itinerantes a um local de grande relevância patrimonial, histórica, religiosa, proporcional ao seu anonimato: o convento da Arrábida. Esta crónica procurará substanciar em texto aquilo que intuitivamente foi retido de cada intervenção sem uma intenção de exaustividade.

Na noite do dia 23 de outubro o Dr. Luís Nascimento, Chefe de Divisão dos Equipamentos Culturais da Câmara Municipal de Almada, abria os trabalhos saudando os participantes e os organizadores, explicando que as segundas jornadas de estudos dos Capuchos se centrariam na contemplação, temática da nova fase na programação das atividades a desenvolver no convento. Seguiu-se a exposição de Maria Alegria Marques (FLUC/CHSC), intitulada “Contemplar ontem e hoje: um percurso a partir da tradição cristã e franciscana”. A medievalista realizou uma excelente síntese, desde o *corpus* bíblico ao legado teológico-espiritual de São Francisco de Assis, no enalce das formulações como a Sagrada Escritura e as várias regras que pautaram a transição da vida religiosa eremítica para a cenobítica e deram consistência espiritual e disciplinar ao silêncio e à solidão, por exemplo, no modo de exprimir o riso e, mormente, a palavra. De seguida Cátia Tuna (FLUL; CEHR/UCP) fez uma exposição sobre “Fado e espiritualidade em Amália Rodrigues e Maria Teresa de Noronha”, que foi intercalada com fados representativos do repertório das duas fadistas cantados pelo ator e fadista João Loy, acompanhado à viola por António Martins e à guitarra por Bruno Serra. Depois de apresentar comparativamente os percursos biográficos e artísticos das duas fadistas e de fazer um enquadramento histórico e geracional, a investigadora demonstrou que no repertório destas fadistas em particular, e no do fado em geral, ideias determinísticas coexistem pacificamente com crenças estruturantes e práticas devocionais interiorizadas do catolicismo. Em ambas se percebe, por exemplo, uma franciscana contemplação da natureza com intencionalidades diferentes: enquanto em Amália é a alegria que redime (valoriza as plantas e o mar), em Maria Teresa de Noronha exprime-se muitas vezes o que é vão (refere sobretudo o vento, as folhas e as árvores). Assim terminou a primeira parte das jornadas em torno da temática “Nas fontes da espiritualidade cristã e franciscana”.

A manhã do dia de sábado correspondeu ao tema “A reforma capucha: a experiência espiritual em contexto” e começou com uma exposição de Maria de Lurdes Correia Fernandes (FLUP; CEHR/UCP) com o título “Os Capuchos em tempos de reformas e de (re)leituras espirituais”. Enquanto apresentação sistematizadora e interessada no reconhecimento de uma subtil metamorfose histórica, esta intervenção mostrou alguma continuidade com a comunicação que abriu as jornadas, de Maria Alegria Marques. A interveniente começou por ressaltar a estreita relação entre Portugal e Espanha, por exemplo, na circulação de obras e de pessoas, no período abordado, e por explorar os vários sentidos do conceito de “reforma”. De seguida focou o convento dos Capuchos da Caparica, oferecendo alguns apontamentos sobre as possíveis relações entre este espaço de oração e recolhimento e círculos devotos laicos que dele se aproximavam ou que o protegiam. De forma particular, referiu alguns vínculos entre os frades e algumas figuras nobres e socialmente influentes que com eles

conviviam espiritualmente, que frequentavam o convento ou acolhiam em suas casas alguns deles. Deu especial destaque à proximidade e proteção de Lourenço Pires de Távora e de sua mulher D. Catarina de Távora, ambos devotos dos frades capuchos, tendo este influente nobre e embaixador régio patrocinado inteiramente a construção do convento na Caparica. Igualmente devotos e protetores foram, entre outros, Francisco de Sousa Tavares e sua mulher D. Maria da Silva, que os recebiam em sua casa e na qual reservaram, para lhes garantir o sossego espiritual, um aposento especial. Desta maneira, tentou mostrar como o convento e os seus frades se relacionaram também com alguns influentes círculos devotos e espirituais da época – alguns estudados há vários anos por J. S. da Silva Dias –, salientando a importância das redes de relações entre religiosos e leigos, inclusive da alta nobreza, assim como de uma diversificada literatura de espiritualidade impressa na primeira metade do século XVI.

A comunicação de João Luís Fontes (FCSH/IEM; CEHR/UCP) versou “A reforma arrábida”. O interveniente começou por apresentar a experiência de São Francisco de Assis no Monte Alverne enquanto momento na hagiografia do fundador muito evocado para fundamentar a vida eremítica. Com efeito, o franciscanismo foi marcado pela perspectiva da tensão entre o ermo e a cidade, entre a pregação e a solidão, entre a intervenção urbana e a pobreza enquanto despojamento do poder. Face ao esgotamento do dinamismo da corrente observante, nascida em finais do século XIV, a reforma arrábida propõe, como outros movimentos similares (vejam-se os capuchos da Piedade, de Fr. João de Guadalupe), o regresso ao ermo e a uma vivência mais rigorosa da pobreza como caminho de renovação e de fidelidade ao carisma do *Poverello* de Assis. Dada a ausência de fontes do âmbito da literatura espiritual ou de documentação da prática dos conventos, a apresentação baseou-se nos estatutos da província arrábida, através dos quais o medievalista permitiu um acesso pictórico e sugestivo ao quotidiano dos franciscanos arrábidos.

António Camões Gouveia (FCSH/CHAM; CEHR/UCP) fez uma exposição sobre o tema “Livros para ensinar o espiritual. O caso do pequeno *Tratado de la Oración y Meditación* (1533) de San Pedro de Alcántara (1499-1562)”. Começou com uma referência à complexidade de natureza sinfónica do século XVI, como palco do implodir de circunstâncias históricas estruturantes ou nodais, numa encruzilhada harmoniosa de mutações históricas em vários âmbitos. Abordou a tratadística como forma de literatura religiosa que se insere num processo de assunção paulatina de uma escrita do “eu” no contexto da vida religiosa. Deste modo e com sóbrias referências biográficas, enquadrando frei Pedro de Alcántara, terminando a sua exposição com duas citações da pequena obra do frade espanhol. Ana Assis Pacheco (CEHR/UCP) proferiu de seguida uma exposição sobre “A Arquitetura capucha: Arrábida, Sintra e a Caparica”. A interveniente realizou uma apresentação da arquitetura dos três conventos, aludindo comparativamente aos outros conventos da província arrábida. Baseando-se nas crónicas, nos estatutos e na espiritualidade franciscana, procurou fundamentar aspetos como a ausência ou a pequenez do claustro, a sujeição do edificado às condições naturais do terreno ou a importância da imagética do sofrimento e da crucificação de Jesus, a simbologia dos materiais utilizados, nomeadamente o revestimento em cortiça, ou ainda a regulamentação do tamanho máximo do convento e dos seus espaços, havendo a destacar a propositada exiguidade das celas e das suas janelas.

A terceira parte do encontro teve como mote “As linguagens da contemplação: da arte à liturgia”. Iniciou-se com uma exposição de Maria João Vilhena de Carvalho (DGPC/MNAA) sobre “A escultura em barro dos franciscanos de Santa Catarina da Carnota”. Esta intervenção desenvolveu-se em torno de um convento que foi recentemente vandalizado, tendo sido alvo de um crime contra o património, que em muito prejudicou o edifício e as esculturas de barro. A investigadora apresentou inicialmente algumas notas sobre mitologia do barro (nomeadamente a bíblica). Atentou no convento, o qual encerra em si uma lógica espacial interna, uma vez que propõe um percurso espiritual visível especialmente através dos pórticos, em muitos dos quais se encontravam as esculturas. Maria João Vilhena de Carvalho deteve-se em quem eram os autores das peças, incidindo nas ligações entre eles e a rede de escultores portugueses neste período histórico. José Félix Duque (CEC/FLUL/CIDHEUS/UE) interveio em seguida com o tema “Llapso. A contemplação no Tratado Místico de Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752)”. O historiador começou por descrever a biografia desta freira alentejana, de Portalegre, apresentando aspetos como a adversidade por parte da família na opção pela vida religiosa até chegar a abadessa do convento de Santa Clara. Num segundo momento incidiu no Tratado Místico escrito pela religiosa, no percurso interior nele exposto, constituído por várias etapas, das quais se destaca o “llapso”, o cume do processo ou momento unitivo com Deus, o qual, com as características com que a abadessa o apresenta, demonstra ser de algum modo original o percurso místico proposto por Soror Isabel do Menino Jesus relativamente a outros anteriores ou seus coetâneos.

Isabel Almeida (FLUL) realizou uma apresentação sobre “Literatura e espiritualidade arrábida. Frei Agostinho da Cruz (1540-1619)”. A sua intervenção foi realizada intercalando excertos da obra poética daquele frade capuchinho com uma delicada hermenêutica da obra. Foi um exercício que não se preocupou em traçar um perfil espiritual fechado de frei Agostinho. Deste modo, a investigadora evidenciou a beleza estilística e de conteúdo espiritual da obra, dispensando uma exaustiva e forçada extração dos sentidos poéticos ou uma autópsia gramatical.

No final do dia 24 de outubro foi escutado o Coro Gregoriano Solemnis, sob a direção de João Crisóstomo, que interpretou as vésperas “Dos Offícios de Natal” da autoria de Frei Domingos do Rosário, um frade arrábido, extraídas do *Theatro Ecclesiastico* que editou em 1782. Na manhã do dia 25 de outubro decorreu a visita guiada ao Convento da Arrábida por João Luís Fontes, António Camões Gouveia e Ana Assis Pacheco. Depois do regresso realizou-se ainda uma visita acompanhada pela explicação do artista plástico João Figueiredo, ao projeto de pintura, instalação, escultura e vídeo *Contemplation* no claustro e na antiga zona das celas.

Este encontro científico demonstrou que a interioridade é um objeto historiográfico possível e, enquanto tal, dotado de múltiplas virtualidades de investigação e acessível a partir de fontes diversas: a literatura tratadística, os estatutos, esculturas de barro, poética, etc. Permitiu perceber micro-místicas no panorama da modernidade religiosa portuguesa e perceber redes de pessoas entre o convento e o século, que revelam existir entre ambos um espaço imprevisivelmente lato de interseção. Permitiu também apurar a circulação de livros, de ideias, de experiências artísticas e espirituais, de pessoas e influências, de materializações que exteriorizam, colocam em trânsito e assim constroem a interioridade.